

JASMINA TESANOVIC

Uma Guerra Que Fosse Sua

Diário de Uma Escritora Sérvia

Título do original inglês: *A War of My Own*

Autora: *Jasmina Tesanovic*

Copyright

Tradução: *Lídia Geer*

Capa:

Fotocomposição:

Impressão:

1.^a edição: *Setembro de 1999*

ISBN 972-759-

Depósito legal:

Temas e Debates — Actividades Editoriais, L.^{da}

Rua Prof. Jorge da Silva Horta, 1 — 1500-499 Lisboa

Tel. 762 60 03 — Fax 762 62 47

E-mail: temas@temasdebates.pt

PARTE I

1998: Prelúdio

17 de Março de 1998

Estou a tremer, os pés tremem-me enquanto durmo. Por que razão me tremem as pernas que nem varas verdes? Será porque precisarei delas para fugir e tenho medo de que me falhem? Tenho medo de tudo. Tenho medo da morte e da carnificina. Tenho medo de não ser capaz de imaginar o futuro. Olho para os meus filhos com sentimento de culpa. Aqui, na Sérvia, nos anos 80 e 90, deveria ter tido a sensatez e a sensibilidade necessárias para compreender que nunca deveria ter tido filhos. Quando engravidei nos anos 80, ficámos sem electricidade durante vários dias. Estávamos no Inverno e Tito acabara de morrer. Tito sempre nos disse que tínhamos montes de electricidade, que éramos um país rico, o melhor do mundo. E eu acreditei nele... Gostava do seu rosto. Conhecera aquela face ao longo de toda a minha vida. Pensava que era o meu avô. Em criança, era suposto ter-lhe oferecido flores, mas foi então que me obrigaram a oferecer flores ao presidente Nasser do Egipto, porque eu era mais alta e Tito mais baixo, e Nasser era mais alto e a outra menina mais baixa. Desde então tenho pensado sempre que ser baixo é um privilégio e um factor de beleza. As pernas tremem-me como se fosse uma velha. Quando era pequena, costumavam tremer-me, mas nessa época eu não sabia nada da vida, nada de guerras. Era apenas uma menina triste que sofria.

Passei a infância no estrangeiro. A minha mãe, que era médica, deixou de trabalhar para acompanhar o meu pai até aos vários lugares onde a sua carreira de engenheiro e de homem de negócios o levava. A princípio, essas deslocações provocavam-lhe uma certa frustração; depois, acabou por se habituar. Tinha-me por companhia, mas quando fui interna para um colégio inglês começou a sofrer de asma. Também se acostumou a essa enfermidade: as saudades e a asma. Vivemos no Egipto e em Itália. Eu frequentava um colégio inglês, embora em casa falássemos servo-croata, enquanto o mundo que me rodeava se exprimia nas línguas egípcia e italiana. Era uma situação um pouco mais do que esquizofrénica, uma vez que todos os dias alternava três idiomas, três culturas diferentes... No entanto, a exemplo da minha mãe, também acabei por me acostumar. Só muitos anos mais tarde consegui transformar aquela dolorosa Torre de Babel numa vantagem: parafraseando o meu pai, num privilégio.

27 de Março de 1998

Embora estejamos às portas do século XXI, quis dar a estas minhas divagações o título *Uma Ópera Moral*. Leopardi é um pós-moderno, ainda que tenha composto a sua ópera no século XIX? E, de qualquer maneira, em que pode interessar-me o pós-modernismo? Não se interessa pelos meus dilemas morais, razão por que é forçoso que eu tenha mais moralidade do que o Papa. Deixei de ter alma, quebrou-se em mil pedaços. O seu lugar foi ocupado por um diamante de arestas aguçadas e cortantes; estas arestas fazem com que o meu estômago sangre, quase constantemente, enquanto me mexo, sempre que penso. Mas o diamante cintila, por vezes, apenas para mim, por vezes, para toda a gente através de mim. Depende do grau de luminosidade e de visibilidade.

Esta é outra guerra politicamente correcta, e não uma guerra que tenha a ver com a moralidade. Já a vi na Bósnia, na Croácia e agora na Sérvia. Os Norte-Americanos comportam-se como norte-americanos, politicamente correctos, o que é doloroso para todos aqueles que não tenham a sua nacionalidade e sejam politicamente correctos, ainda que de uma maneira diferente. Os Norte-Americanos não são capazes de entender. Nós temos uma ideia inteiramente diferente do nosso quotidiano, sentimos emoções diferentes, temos ideias diferentes quanto ao auxílio a prestar. Consideramos que a ajuda dos Norte-Americanos é intrusiva, é um auxílio feito à imagem que os Estados Unidos têm de si próprios. De muitas maneiras, vítimas ou agressores, sabemos que os Norte-Americanos estão do lado da razão. Todos gostaríamos de ser oriundos dessa nação, mas isso é impossível. Os Norte-Americanos não querem que sejamos Norte-Americanos; pelo contrário, pretendem que sejamos o

Outro, um território onde se poderão implementar novos planos. Não gosto desta minha linha de raciocínio. No interior da Sérvia, adquiri o estatuto de traidora que atenta contra os mais elevados princípios morais. Defendo os estrangeiros, os Norte-Americanos, a intervenção estrangeira contra os bárbaros nacionais. Mas não me agrada que pensem em mim como o Outro, seja este quem for, particularmente quando se trata da maior potência do mundo.

Nos dias que correm, os meus princípios morais concentram-se na sobrevivência; também desejo contar a verdade sobre a minha morte. Pensei em escrever um livro teórico, uma obra filosófica ou um simples livro de ficção, à semelhança de Carver. Contudo, não me sinto demasiado ansiosa. O meu mundo de palavras é feito das ansiedades do dia a dia, de tragédias, notícias, falta de dinheiro, comida e amor entre as pessoas.

Há uns dias, os meus vizinhos vandalizaram o meu carro de luxo durante a noite, um carro que comprei antes da guerra; a acção deveu-se meramente a um sentimento de inveja. Fizeram-no abertamente, alegando que tinham perdido os seus automóveis; por que motivo haveria eu de continuar a ter o meu? Estou bem ciente de que tenho de lhes fazer frente, confrontando-os cara a cara e gritando-lhes: «Vocês são uns vândalos, não são fazedores de justiça. Estão perdidos!» Nenhuma lei, polícia ou força poderá proteger-me, a segurança pertence ao passado, mas, ainda que esta não fosse a realidade com que temos de viver, ninguém me protegeria porque sou uma mulher que tem um carro de luxo. É claro que só os homens devem possuir automóveis de luxo e estes estão protegidos

pela força das armas hoje em dia, em pleno centro de Belgrado. O meu vizinho é um desgraçado de um alcoólico, um homem que não se adaptou às formas como as pessoas arranjam dinheiro por meios criminosos. Perdeu o seu dinheiro e perdeu a cabeça, passa o dia a beber cerveja sentado no passeio. Não é um homem bom, também não é mau homem, não é um vagabundo nem tão-pouco um ex-cidadão, é somente um indivíduo entre os milhares de pessoas que andam pelas ruas, que andam aos caixotes do lixo, que vivem na sociedade sérvia do pós-modernismo, fundamentada na decadência moral e física. Ele não foi alienado, mantém-se em contacto com a realidade, quer emocional, quer racionalmente. Ele compreende a Nova Ordem que, aliás, acompanha. Ambos fazemos parte da Nova Classe Pobre. A única coisa que nos dividia era o meu carro estacionado junto do lancil onde ele costuma beber a sua cerveja. Tentou fazer com que esse símbolo que nos distinguiu fosse abolido. Entendo isso e não tenciono perder tempo a explicar-lhe que os automóveis não devem ser riscados, nem os seus pneus esfaqueados, e que também não nos devemos sentar em cima deles. Ele já sofreu coisas muito piores, portanto, porque não haveria o meu carro de passar pelo mesmo? Temos ainda o criminoso do outro lado da rua, com o seu enorme carro de corrida vermelho, observa-nos com uma expressão implacável; não é preciso dizer, nós sabemos, ele sabe, toda a gente sabe, que o seu carro jamais será beliscado nesta cidade. Porque ele tem uma arma.

7 de Abril de 1998

O ultraje que o nosso ditador nos inflige a todos revela-se na forma como apresenta o próximo referendo, onde nos pergunta se queremos ser ou não governados por estrangeiros¹. Sou uma pessoa com dúvidas: não conheço os ditadores, não conheço os sérvios, não estou a par das políticas diárias. Sei que me interrogo sempre acerca das boas intenções, as quais, logo à partida, nunca são transparentes. O destrutivismo do nosso ditador é sentido por mim como o meu próprio destrutivismo. De facto, não posso fazer-lhe frente, tão-pouco os meus concidadãos. Por outro lado, dizem-me que tudo na vida tem a ver com dinheiro, com o poder e com uma boa vida. Mas, na verdade, isso é precisamente aquilo que todos perdemos, para além do critério de «normalidade», e exactamente o que ele ganhou e que nunca poderia ter obtido numa vida em condições «normais», isto é, através do trabalho e de uma concorrência leal. Por conseguinte, a minha normalidade encontra-se nas mãos dele. Para que possa sentir-se normal, e bem consigo mesmo, ele precisa de que todos soframos. Conheço bem o argumento, a uma escala reduzida, vi-o em todos os aspectos da vida quotidiana. Será assim tão simples? Temos uma pessoa imatura, mimada e violenta que nos mantém dentro de uma jaula, pegando fogo a tudo à nossa volta, escondendo-nos do espelho, convencendo-nos de que somos os Sérvios Selvagens que não somos, falsificando os nossos pensamentos e desejos, a nossa história e os papéis que desempenhamos. Será ele a madrasta simplória e malvada e nós os anjos? Ou seremos nós parte da sua essência, responsáveis pelo seu poder e pela sua resistência? Somos recrutados para uma guerra que não compreendemos e que não desejamos

por cobardes que têm receio de se sentar à mesa das negociações porque estão impedidos de falar ou de se mostrar racionais. Será uma só arma, um único homem armado, o suficiente para conduzir um milhar de pessoas à morte? Recordo-me de uma fotografia da Segunda Guerra Mundial, um único soldado que escoltava centenas de pessoas amontoadas para a câmara de gás, como se estivessem coladas, receando afastar-se umas das outras. Se uma pessoa correr sozinha, morrerá, mas se todos corressem ao mesmo tempo, ninguém morreria. Quem me dera que houvesse alguém que lhe arrancasse a arma das mãos! O nosso ditador empunha uma colher de pau. É demasiado covarde para empunhar uma arma. É um actor que representa para si próprio, e nós somos espectadores enjaulados. Considero-me uma idiota política. «Idiota» era a palavra usada na Grécia antiga para designar o cidadão comum, que não tinha acesso ao conhecimento e à informação: por definição, todas as mulheres e a maioria dos homens. Considero-me incapaz de julgar, de escolher, não vejo quaisquer opções que se identifiquem comigo. Será isto normal? Será por ser mulher? Será esta uma situação normal, a de uma mulher que não tem capacidade de ajuizar ou identificar as opções políticas de que dispõe? Todas as opções políticas apresentadas pelos meus concidadãos são estranhas e têm um cunho de agressividade, estúpidas ou absolutamente irrealistas em face das minhas necessidades concretas: preciso de me mexer, tenho necessidade de comunicar, preciso de ter filhos, é imprescindível que fale, que brinque, que me divirta. Contudo, eles não mencionam estes aspectos, falam da nossa história, das necessidades e dos direitos históricos. Essa não é a minha história. E, se

é, nunca contribuí para ela. Alegam razões de sangue, de raça, de orgulho, de direitos. Mas acontece que eu estou necessitada, sinto-me tremendamente carente. Estou a perder a cabeça aos poucos pela falta de amor e de compreensão, porque sinto a necessidade de me divertir, de rir, de imprimir alguma ligeireza à minha vida. Não posso dedicar todos os meus pensamentos, vinte e quatro horas por dia, ao medo e à morte iminente. Pensar na morte, por si só, é já morte bastante. A morte verdadeira não passa de uma sensação física que poderá passar despercebida à minha mente. Hoje em dia, na Sérvia, vivemos no seio de uma cultura de morte que tem como base os instintos de morte ou de sobrevivência. Não quero ouvir os meus instintos a todo o momento. Pretendo controlar e dominar o meu instinto básico, a fim de me sentir livre e bem comigo mesma. Será isso a normalidade? Há muito que a perdi, de uma maneira tão gradual que mal consigo recordar-me de quando e como aconteceu. Foi uma perda imperceptível inserida numa categoria invisível. Tenho saudades disso, sei que continua a existir, se bem que eu tenha deixado de ser capaz de o provar a qualquer pessoa que viva no meu país.

¹ Referendo que se realizou na República da Sérvia a 23 de Abril de 1998, em que se perguntava à população se desejava manter a sua autonomia, opondo-se à intervenção estrangeira. Apelava-se ao sim de uma maneira manipuladora; quem não respondesse afirmativamente era apelidado de traidor. (*N. da T.*)

26 de Março de 1999, 17.00 horas¹

Espero que consigamos sobreviver a esta guerra: os Sérvios, os Albaneses, os bons e os maus, aqueles que pegaram em armas, os que desertaram, os refugiados do Kosovo que caminham pelos bosques da região e os refugiados de Belgrado que caminham pelas ruas com os filhos nos braços, à procura de abrigos que não existem, sempre que as sireias dão o alarme. Só espero que os pilotos da OTAN não tenham deixado para trás as mulheres e os filhos que vi a chorar na CNN, quando os maridos levantaram voo rumo aos alvos na Sérvia. Tenho esperança de que todos consigamos sobreviver, mas o mundo, sendo aquilo que é, não espera isso. Vivemos num mundo em que os congressistas dos Estados Unidos calculam em 20 000 o número de civis mortos, o que consideram um preço baixo para a paz no Kosovo; um mundo em que o presidente Clinton diz que quer uma Europa mais segura para as estudantes norte-americanas. Sempre que o presidente sérvio, Milutinovic, diz que combateremos até à última gota de sangue, penso que está a referir-se ao meu sangue, e não ao deles.

¹ A OTAN iniciou os bombardeamentos sobre a Jugoslávia no dia 25 de Março de 1999. (*N. da T.*)

Os mercados negro e tradicional que existem na vizinhança adquiriram uma nova vida, adaptando-se às novas condições. Embora o governo não nos forneça pão, no mercado existe uma grande quantidade de cereal em grão. A televisão estatal não nos dá informações nenhuma, mas a população assustada fala de quem está a vencer. Os adolescentes, às esquinas das ruas, apostam em quais os aviões que foram abatidos, os

nossos ou os deles, em quem mente melhor, a quem caberão as melhores vítimas, quem terá as melhores vitórias, como se fôssemos meros jogadores num desafio de futebol.

O silêncio reina na cidade, embora se continue a trabalhar. O lixo é recolhido, temos água corrente e electricidade, mas onde param as pessoas? Ouvi várias histórias sobre os meus amigos, homens e mulheres que sofrem de esgotamentos nervosos. Alguns encontram-se nesse estado de há um ano a esta parte, desde que começou a guerra no Kosovo. Agora são os que se sentem melhor: o perigo real é menos assustador do que aquele que vive no nosso imaginário. Recebo de dez a vinte mensagens por correio electrónico todos os dias, enviadas por amigos e pessoas que mal conheço; pensam em nós, em mim e na minha família, desejando dar-nos o seu apoio moral. Mas, neste momento, do que preciso é apoio financeiro, não moral.

Todas as pessoas se reúnem em suas casas à espera de que as bombas caiam; pessoas que mal se conhecem, pessoas que fingem não saber, ou que genuinamente não sabiam, o que se estava a passar no Kosovo, pessoas que nunca acreditaram que a OTAN estava a falar a sério. Sentamo-nos juntos, partilhando tudo o que temos. Tenho uma amiga alemã, que vive em Belgrado e telefona para me dizer que não saiu do país, que nem sequer mandou os filhos ou os netos recém-nascidos embora. Está farta da situação, só quer que a deixem viver a sua vida. Uma outra amiga, feminista, pede-me que organize debates que tenham por fim um alertar de consciências. Outra quer que vamos as duas a Pancevo, a cidade bombardeada nos arredores e Belgrado, a fim de

procedermos a uma leitura pública do meu romance. Mas não há gasolina. Temos de comprar bicicletas. Falamos constantemente ao telefone, procurando e dando informações. Verifico que as crianças lidam melhor com a situação: preferem manter-se activas. São demasiado jovens para se entregarem a especulações como nós: lidam com factos e notícias. A maior parte está bem informada através das páginas para jovens da *Internet*, por meio dos canais televisivos por cabo, através das estações de televisão locais. Penso nos amigos albaneses que temos no Kosovo. Imagino que deverão estar numa situação pior do que a nossa; estes pensamentos causam-me medo.

Tenho um sono pesado, não sonho com receio de despertar, apesar de me sentir feliz por ainda não ter acontecido uma verdadeira tragédia; continuamos todos vivos, olhando uns para os outros a cada segundo, como que a confirmar esta realidade. E sim, o tempo está uma maravilha, desfrutamos dele ao mesmo tempo que o receamos: quanto melhores forem as condições climáticas, mais intensos serão os bombardeamentos; com a melhoria do tempo, muito provavelmente, haverá uma maior precisão no lançamento das bombas. Só desejava saber se necessitamos de bom tempo ou de mau tempo para permanecermos vivos.

O alerta dado pelas sireias interrompe-me... é o meu censor e o meu relógio. Sintonizo a CNN para saber por que motivo soou o alarme em Belgrado. Dizem que não sabem. A televisão local informar-nos-á depois de tudo estar terminado.

26 de Maio de 1999

A nossa vida quotidiana está a ganhar importância enquanto realizamos o nosso filme; apercebo-me de que retrata a vida de toda a gente, não apenas a minha, e todas as pessoas que participam, seja de que maneira for, fazem com que o quadro geral se torne mais convincente. Todos aperfeiçoamos individualmente as nossas percepções ao partilharmos as opiniões quanto à falta de água e de electricidade, aos pesadelos, aos sonhos, ao futuro, ao passado de tédio...

Hoje, entrámos aos gritos numa zona extremamente perigosa perto de Belgrado, uma área que é bombardeada com regularidade. As sireias soavam quando fomos abordados por um veículo militar. Antes de podermos mostrar a autorização para estarmos ali, assestaram as armas contra nós. Literalmente, desejei desmaiar. Devo estar louca para fazer uma coisa destas. Mas eles mostraram-se muito corteses e os meus colegas explicaram-me que a polícia se limitava a cumprir a sua missão. Acabaram por nos aconselhar a que nos afastássemos; uma vez mais, perguntei-me por que motivo fazia aquilo. Contudo, temos de interrogar-nos: porque está tudo isto a acontecer? É uma verdadeira loucura. Como podemos manter a nossa racionalidade quando toda a gente perdeu o juízo? Tal como o meu marido equaciona a questão: é a política de risco elevado que se deteriorou ao ponto de ter passado a ser a política de risco absoluto.

Em seguida fomos a um restaurante, a bordo de um barco ancorado no Danúbio. É um lugar maravilhoso onde costumávamos gastar dinheiro em troca de algumas horas de eternidade. A comida continua a ser bastante

boa, embora lhe faltem os elementos marinhos: sim, perdemos o mar. São muito poucas as pessoas que se encontram no restaurante; encerra às dezanove horas. O facto de não nos ser permitido desfrutar de algumas horas de olvido faz com que sejamos incapazes de nos regenerarmos, de sermos pessoas boas.

No caminho de regresso a casa, sobre a ponte, vemos um escasso número de pessoas que se reúnem para acções do tipo «DEFENDEREMOS AS PONTES COM OS NOSSOS CORPOS». A artista conceptual Marina Abramovic fê-lo na sua *performance*; todavia, foi o seu corpo que ofereceu, e não o de outra pessoa qualquer.

Hoje encontrei-me com a minha amiga italiana. Regressou a Belgrado onde passará algum tempo; viveu muitos anos na nossa cidade. Descreveu-me como as pessoas em Itália estavam mais alerta desde que os pescadores em Veneza ficaram feridos. Disse-lhe que a Itália também era o meu país, *la mia Italia*, e que, neste momento, aquilo que não sou capaz de tolerar é o facto de uma vida italiana valer a de mil albaneses e talvez a de cem sérvios; este é o preço do despertar.

Ouvi dizer que os médicos estão a aconselhar as mulheres grávidas, nos primeiros meses de gravidez, a abortar. Não sei porquê... talvez devido às radiações ou a um imperativo de ordem política e económica. Houve um médico que disse: «É o que diria à minha filha.» Soube através da BBC que nasceram mil bebés nos campos de refugiados da Macedónia. Graças a Deus, a vida continua.

2 de Junho de 1999

Recordo-me de que há mais de um mês fazíamos apostas quanto à data do fim da guerra. Eu disse, nem sei porquê, que seria no dia 2 de Junho. Hoje é o dia. Ontem à noite, ao fim de vinte e quatro horas sem luz, a energia eléctrica foi restabelecida depois da meia-noite. Nessa altura estávamos mergulhados na semi-obscuridade, à luz de velas, ouvindo avidamente a estação de rádio Europa Livre. Quando a luz voltou, não sintonizámos o televisor na CNN, uma vez que os programas estrangeiros deixaram de falar de nós. No entanto, tive o pressentimento de que este seria o grande dia. Seja como for, pela primeira vez desde que a guerra começou, deixei de ser uma idiota política, passando a ser uma pessoa com capacidade de raciocínio, encontrando um argumento para que a guerra terminasse. Algumas pessoas que ouvíamos na rádio partilhavam do mesmo pressentimento; os pressentimentos dos idiotas políticos que, finalmente, haviam encontrado uma linguagem política e teórica para se exprimirem, como a que ao longo dos últimos meses os jornais estrangeiros tanto solicitavam. Senti-me orgulhosa deles, mas, subitamente, também me senti receosa: eles haverão de regressar, os vencedores, sejam quem forem, aqueles que estiveram fora durante os horrores por que Belgrado passou; com o tipo de discurso que admiramos, o que lhes permitirá assumir o controlo da situação. E, à semelhança do que aconteceu antes, seremos ludibriados por eles, os mesmos sujeitos, ou outros, bons ou maus. Vai tudo dar no mesmo, o problema é a linguagem, a linguagem que nós, os idiotas políticos, não somos capazes de dominar, limitamo-nos a submeter-nos a ela. Sim,

anseio pela paz embora a receie; com ternura, como se fosse um grande romance de amor bruscamente interrompido pela separação. Não sei se serei capaz de lidar com essa situação, com toda essa paz, sinto-me exaurida pela guerra e feliz com ela; só assim consegui sobreviver. A minha amiga italiana perguntou-me: «Portanto, vocês não têm pão, luz e água, mas tu dá-me a impressão de estares a aguentar-me muito bem.» «E estou», respondi-lhe; já me esqueci de que apenas há algumas semanas me sentia infelicíssima por causa desta escassez.

Está mais que provado que a maior parte das pessoas vira as costas aos que se encontram em apuros. Contudo, justiça seja feita, existem algumas excepções. Se algum mérito houve em todo este horror, foi a oportunidade de ficar a conhecer esses poucos, descobrindo do que é feita a humanidade. Perdi a maior parte dos meus amigos e conhecidos, mas em contrapartida conheci outras pessoas em quem passei a depositar toda a confiança.

Estamos a ficar tão enfadados que é com muita dificuldade que nos toleramos uns aos outros: não temos nada com que ocupar o tempo. Os nossos filhos discutem connosco por não os deixarmos sair quando decorrem os bombardeamentos, por não terem nada com que se entreter depois de cair a noite. Sugiro que conversemos, mas já nos esquecemos de como se contam histórias em família, entretendo-nos uns aos outros como se fazia em séculos passados. Mas, para os garotos, o facto de terem de ficar sentados na escuridão, na companhia dos pais, é um aborrecimento tremendo. Choram ou ficam amuados, dependendo da idade que têm.

O meu pai foi ao banco para pagar as contas mensais da electricidade e da água, o que nos dias que correm já ninguém faz. Justificou o seu procedimento, alegando que temos a obrigação de ajudar o Estado nesta situação de catástrofe. A funcionária que o atendeu no banco mostrou-se extremamente irritada com ele, dizendo: «Você é um velho tonto, obrigar-me a estar aqui quando as sereias estão a soar, só para poder gastar o seu último centavo. Não é capaz de tentar mudar, veja bem o que a sua estúpida obediência trouxe a todos nós.» O meu pai sentiu-se profundamente ofendido, tal como se tem sentido ao longo dos últimos anos, dado que tem vindo a ser tratado sem o respeito que lhe é devido por ter, em tempos, sido gerente de uma empresa, uma posição elevada; actualmente está aposentado. Não obstante, disse-me: «Eu compreendo a atitude dela, embora ela não tenha razão, um Estado é um Estado.» O meu pai serviu o Estado Austro-Húngaro...

12 de Junho de 1999

Com alguma lentidão, a guerra começa a abandonar o nosso quotidiano. Ontem à noite, os bares e restaurantes da minha zona reabriram as portas e as ruas encheram-se de gente. A tensão é uma coisa que pertence ao passado, há mais iluminação nas ruas e os estabelecimentos voltaram vender *Coca-Cola* vinte e quatro horas por dia. Hoje, as tropas começaram a entrar no meu país; todavia, as pessoas não sentem que estão sob ocupação militar, embora sintam um certo mal-estar, tal como sucedeu nos primeiros dias de bombardeamentos. Ninguém sabe, com um

mínimo de certeza, o que o destino nos reserva. A única maneira de mantermos a serenidade é aceitarmos as coisas à medida que acontecem, utilizando aquilo que aprendemos com a nossa história. Mas com os Russos a chegarem do Norte e os Britânicos a chegarem do Sul, militares de todas as formas e feitios, como num filme de Hollywood, no que me diz respeito, sinto-me lindamente. Tenho a sensação de estar menos isolada. Que venham todos, deixemos que as nossas histórias se unam, desde que ninguém se lembre de construir um muro à nossa volta.